

# Competitividade

*Os fatores que representam vantagens e desvantagens para os países. Relatório do Fórum Econômico Mundial*

**A capacidade de competir não é apenas um problema das empresas. Um país deve criar condições que lhe permitam ter uma taxa de crescimento elevada e sustentável ao longo do tempo. Que condições o Brasil dá a suas empresas para concorrer no cenário mundial? E que condições os países das concorrentes oferecem? Essa análise é fundamental. Todo início de ano, a elite da economia e dos negócios mundiais se reúne na cidade de Davos, na Suíça, para participar do Fórum Econômico Mundial. Desse encontro sai o Relatório da Competitividade, que analisa dados macroeconômicos e entrevistas com 3.000 executivos de 53 países para indicar que países são mais competitivos e, portanto, estão mais predispostos ao crescimento. O Sudeste Asiático vem dominando o ranking, com Cingapura em primeiro lugar. O Brasil ficou em 42º.**

Os principais ingredientes da competitividade de um país são, segundo o professor da Harvard University Jeffrey Sachs, mercados financeiros abertos, excelente infraestrutura, força de trabalho altamente preparada e serviço público livre de corrupção. Embora não atendam bem ao último quesito,

os diminutos países de economia aberta do Sudeste Asiático confirmaram os outros três e foram as estrelas da edição 1997 do Relatório da Competitividade elaborado pelo Fórum Econômico Mundial. Conseguiram, assim, repetir o bom resultado de 1996 e mais uma vez superar as grandes economias do mundo.

O coração do relatório é o ranking de competitividade de 53 países, em que se medem variáveis como abertura econômica, setor público, sistema financeiro, infraestrutura, tecnologia, management, mercado de trabalho e instituições civis. O índice serve como ferramenta para determinar que países apresentam as melhores perspectivas de crescimento nos próximos cinco a dez anos.

Em 1997, o ranking é liderado por Cingapura, que também havia ocupado o primeiro lugar em 1996. Esse país do Sudeste Asiático chegou ao topo por ser uma economia pequena porém muito aberta, especializada na prestação de serviços financeiros e comerciais para o resto do mundo. Cingapura é também sede de várias multinacionais e um forte exportador industrial.

Além de Cingapura, vários nomes do Sudeste Asiático estão bem colocados em termos de competitividade. Entre os dez primeiros lugares estão, por exemplo, Hong Kong (2º), Taiwan (8º) e Malásia (9º). Mais

abaixo, porém ainda com destaque, estão também Indonésia (15º), Tailândia (18º) e Coreia do Sul (21º), que superam as posições ocupadas por nações ricas como Suécia (22º), França (23º) e Alemanha (25º).

O segredo do sucesso desse grupo de países – aos quais podemos juntar também China (29º) e Filipinas (34º) – inclui abertura econômica comercial, governos pequenos, alta taxa de poupança interna e flexibilidade do mercado de trabalho.

Embora seja a maior economia da região, o Japão ocupa apenas o 14º lugar da lista. Sua economia continua relativamente fechada em termos comerciais e financeiros. Não retomará a liderança da competitividade mundial a menos que submeta sua economia a uma forte desregulamentação. Por outro lado, um dos mais promissores novos “tigres” surge na 49ª colocação, o Vietnã.

Do mesmo lado do mundo, a Nova Zelândia conseguiu manter-se bem colocada, garantindo o 5º lugar – caindo apenas duas posições. Seu desempenho é resultado de uma década de reformas estruturais que incluíram a abertura da economia, a redução dos gastos públicos e privatizações.

Os Estados Unidos, que em 1996 estiveram em 4º lugar, subiram um posto e continuam como a economia mais competitiva do grupo de países grandes (aqueles com mais de 10 milhões de habitantes). Se, de

# global

Image Bank/Michael Murphy



## *A Europa continua com presença tímida no ranking, mas há países com bom desempenho: Reino Unido, Holanda, Irlanda, Espanha e Portugal*

um lado, registram alto nível de gastos públicos, carga tributária elevada e uma poupança interna relativamente baixa, de outro, garantem-se em infra-estrutura e tecnologia. Mais impressionante, no entanto, foi o vizinho Canadá,

que saltou do 8º para o 4º lugar.

A Europa continua com presença tímida no ranking e poucos países evoluíram, com algumas exceções – as mais notáveis são Reino Unido (subiu do 15º posto no relatório de 1996 para o 7º em 1997), Holanda

(de 17º para 12º), Irlanda (de 26º para 16º), Espanha (de 32º para 26º) e Portugal (de 34º para 30º). A Alemanha, no entanto, potência econômica europeia por excelência, ficou em 25º lugar, refletindo o estado de ânimo do continente, que debate o futuro do *welfare state* (o conjunto das políticas de bem-estar social).

Juntamente com muitos colegas da União Europeia, a Alemanha mantém um mau desempenho nas áreas de setor público e mercado de trabalho, mas uma boa posição em tecnologia e infra-estrutura.

## RANKING DE COMPETITIVIDADE DOS PAÍSES

POSIÇÃO	PAÍS
1	(1)* Cingapura
2	(2) Hong Kong
3	(4) Estados Unidos
4	(8) Canadá
5	(3) Nova Zelândia
6	(6) Suíça
7	(15) Reino Unido
8	(9) Taiwan
9	(10) Malásia
10	(7) Noruega
11	(5) Luxemburgo
12	(17) Holanda
13	(18) Chile
14	(13) Japão
15	(30) Indonésia
16	(26) Irlanda
17	(12) Austrália
18	(14) Tailândia
19	(16) Finlândia
20	(11) Dinamarca
21	(20) Coréia do Sul
22	(21) Suécia
23	(23) França
24	(24) Israel
25	(22) Alemanha
26	(32) Espanha
27	(19) Áustria
28	(29) Egito
29	(36) China
30	(34) Portugal
31	(25) Bélgica
32	(35) República Tcheca
33	(33) México
34	(31) Filipinas
35	(-) Eslováquia
36	(42) Turquia
37	(37) Argentina
38	(27) Islândia
39	(41) Itália
40	(38) Peru
41	(40) Colômbia
42	(48) BRASIL
43	(28) Jordânia
44	(43) África do Sul
45	(45) Índia
46	(46) Hungria
47	(47) Venezuela
48	(39) Grécia
49	(-) Vietnã
50	(44) Polônia
51	(-) Zimbábue
52	(-) Ucrânia
53	(49) Rússia

\* Posição no ranking de 1996.

Na Alemanha e em toda a Europa, empresários e políticos mostraram preocupação crescente com o custo dos sistemas de seguridade social.

### América Latina

Praticamente todos os países da América Latina fizeram progressos impressionantes na abertura do comércio internacional, reduzindo o tamanho do Estado e deixando que os mercados funcionem de forma eficiente. O ranking indica, contudo, que só o Chile alcançou um alto grau de competitividade internacional, com o 13º lugar, subindo cinco posições em relação a 1996. México, Argentina, Peru, Colômbia e Brasil (nesta ordem) ficaram muito mais atrás. O México ocupa o 33º lugar, a Argentina o 37º, o Peru o 40º, a Colômbia o 41º e o Brasil o 42º. Embora tenha avançado seis posições (*veja quadro à esquerda*), o Brasil ainda sofre com a não-conclusão das reformas econômicas e com a taxa de câmbio sobrevalorizada, segundo Sachs, enquanto a Argentina é prejudicada por um mercado de trabalho inflexível e o resto dos países da América Latina tem pontuação muito baixa em infraestrutura e tecnologia.

O Leste Europeu ainda tem um longo caminho a percorrer para alcançar um crescimento expressivo e sustentável. Hungria (46º) e Polônia (50º) mantêm-se em más colocações, mas a República Tcheca ganhou três posições (32º) e a Eslováquia estreou no ranking na 35ª colocação. Embora essas economias tenham registrado um progresso espantoso na criação de sistemas democráticos e capitalistas e estejam efetivamente no caminho do crescimento econômico, ainda apresentam pendências em quase todos os fatores que compõem a competitividade. A Rússia, por sua vez, continua sendo a nação menos competitiva de todas as incluídas no estudo, ocupando o 53º lugar. Seus dados, tanto qualitativos como quantitativos, são desalentadores, especialmente quanto à política econômica. Até a vizinha

## O método

O Relatório da Competitividade do Fórum Econômico Mundial é alimentado pelas teorias de Robert Barro e Xavier Sala-I-Martin. Segundo eles, o crescimento econômico de cada país depende de dois fatores: nível inicial de receita e características particulares, como políticas de governo, educação, geografia e outras, que lhe dão competitividade. Para dois países com estrutura semelhante, a teoria indica que o país mais pobre crescerá mais rapidamente que o rico, ou seja, tenderá a encurtar a lacuna relativa a seu padrão de vida. No jargão econômico, isso se chama convergência. Para os países mais pobres faltam a tecnologia, o management e o estoque de capital per capita das nações ricas. A teoria assinala que o país pobre poderá eliminar a diferença com maior rapidez do que aquela com a qual a nação rica continuará avançando.

Para descobrir a influência dessas características na competitividade de um país consideram-se variáveis que derivam do estudo quantitativo e do levantamento feito com executivos.

e estreante Ucrânia (52º) aparece acima dela.

### A crise asiática

O levantamento 1997 do Fórum Econômico Mundial foi realizado três meses antes de começar a subir a fumaça da crise monetária que abalou o Sudeste Asiático neste ano, provocando intensa e generalizada desvalorização cambial. Algumas das economias eleitas como as mais competitivas – principalmente Malásia, Indonésia e Tailândia – passaram a ser questionadas a partir de junho pelos investidores internacionais. O Sudeste Asiático será o mesmo depois disso? Muitos especialistas e executivos acreditam que sim. A flutuação cambial – uma das consequências imediatas da crise monetária – tende a aumentar ainda mais a competitividade das exportações desses países. ♦

# Saiba mais sobre a competitividade do Brasil

O Brasil subiu seis posições no ranking da competitividade de 1997 em comparação com a pesquisa anterior, da 48ª para a 42ª, mas, segundo o economista Jeffrey Sachs, professor da Harvard University e coordenador do relatório, o País ainda está muito abaixo de onde poderia estar.

Esse resultado indica que a taxa de crescimento do Brasil, que tem a décima maior economia do mundo, não será muito alta sob as atuais condições: 2% a 3% ao ano. Mesmo assim, o Brasil é o 5º país em atração de investimentos externos diretos, principalmente por seu tamanho, perdendo apenas para China, EUA, Índia e Indonésia.

Há cinco áreas problemáticas na economia brasileira, segundo Sachs: economia muito fechada e moeda sobrevalorizada; mercados financeiros restritivos à competição internacional; infra-estrutura de má qualidade; serviço público ineficiente, inchado e sujeito a corrupção; e baixa escolaridade da população.

O management brasileiro saiu-se muito melhor do que o País como

um todo: ficou na 27ª posição, 8 pontos acima do índice de 1996. Os ativos dos administradores brasileiros são, segundo o relatório, gestão da qualidade total (18º lugar), marketing (15º), recursos humanos da administração (16º) e competência dos executivos financeiros (11º). Seus passivos são eficiência do processo de produção (30º), eficácia do controle corporativo (39º), qualidade das faculdades de administração (32º) e domínio de línguas estrangeiras (30º).

## Outras medidas

Destacamos a seguir subfatores da economia brasileira que contribuíram positiva ou negativamente para o desempenho do País no relatório. No quesito infra-estrutura, por exemplo, os ativos foram densidade de estradas (17º), staff das telecomunicações (11º) e capacidade utilizada de linhas telefônicas (11º). Os pesados passivos, por sua vez, foram instalações portuárias e hidrovias continentais (52º), telefones e máquinas de fax (47º) e comunicação sem fio (46º), investimento governamental

em infra-estrutura (50º), financiamento da infra-estrutura (47º). No quesito tecnologia, entre os ativos apareceram transferência de tecnologia por investimento externo direto (14º), licenciamento de tecnologia estrangeira (15º), novos provedores de Internet (11º) e processamento produtivo de dados eletrônicos (9º), enquanto os passivos foram educação em ciências básicas (49º), índice de matrículas em faculdades (43º), matrículas femininas no ensino secundário (45º), matrículas masculinas no ensino secundário (46º) e minutos de ligações internacionais por habitante (46º). No quesito mercado de trabalho, os ativos foram oferta de força de trabalho (13º), regulamentação de salário mínimo (14º), práticas de demissão e contratação de mão-de-obra (18º), taxa de desemprego (18º) e dias úteis perdidos em disputas trabalhistas (1º); como passivos apareceram trabalho infantil (45º), média de anos passados na escola (47º), sistemas de educação primário e secundário (50º) e tributação do trabalho (35º).

## DADOS GERAIS DO BRASIL

### FATOS PRINCIPAIS

PIB (US\$ bilhões) 750  
PIB per capita (US\$) 4.495  
Participação na produção mundial 2,5%  
Participação nas exportações mundiais 0,8%

### DESEMPENHO ECONÔMICO (em %)

Crescimento real do PIB (1996) 3,0  
Crescimento real das exportações (1996) 3,7  
Investimento externo direto em relação ao PIB 0,4  
Inflação (1996) 11,1  
Desemprego (1996) 5,8

### CLASSIFICAÇÃO MUNDIAL 42º\*

#### Abertura econômica 47º

33º Tarifas e barreiras à importação embutidas  
41º Promoção das exportações  
49º Política cambial  
40º Joint ventures, investimentos externos diretos

#### Setor público 39º

42º Intervenção na economia  
35º Competência do governo  
48º Peso dos tributos e sonegação  
27º Dimensão do governo  
37º Política fiscal  
46º Imposto

#### Sistema financeiro 45º

24º Nível da intermediação financeira  
20º Eficiência e competição  
48º Risco financeiro  
40º Investimentos e poupança

#### Infra-estrutura 47º

47º Telefonia  
49º Apoio para infra-estrutura

#### Tecnologia 41º

47º Capacidade tecnológica desenvolvida internamente  
22º Tecnologia por meio de investimento externo direto

#### Management 27º

23º Gerenciamento de recursos humanos  
26º Outros recursos relacionados

#### Mercado de trabalho 34º

47º Aptidões e produtividade  
30º Flexibilidade e eficiência de programas sociais  
34º Relações setoriais

#### Instituições civis 33º

33º Indicadores de competitividade  
34º Qualidade das instituições jurídicas  
42º Proteção policial e controle do crime organizado

\* Esta tabela mostra a posição do Brasil no ranking de 1997 nas diversas modalidades.